

Estratégias educativas para a prevenção do uso e abuso de drogas no ensino médio: construindo projetos em parceria com a universidade"

Educational strategies for preventing the use and abuse of drugs in high school: building projects in partnership with the universities

Autores

Miriana Teixeira da Costa. Acadêmica. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

E-mail: miriana_bh@hotmail.com

Audrey Heloisa Ivanenko Salgado. Professora. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

E-mail: audrey@reitoria.ufmg.br

Débora d'Ávila Reis. Professora. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

E-mail: debsdavila@gmail.com

Janice Henriques da Silva Amaral. Professora. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

E-mail: janicehs@icb.ufmg.br

Recebido em: 02/05/2017 **Aprovado em:** 11/06/2018

DOI: 10.12957/interag.2018.28441

Artigo

Resumo

O uso e abuso de drogas é hoje no Brasil um problema social e de saúde pública. Este artigo tem como objetivo apresentar as ações de educação em saúde para a prevenção do uso e abuso de drogas, desenvolvidas pelo programa de extensão "PAES- Programa de Ações Educativas em Saúde". Trata-se de um estudo descritivo e observacional. Participaram do estudo 326 alunos matriculados em 13 turmas, do ensino médio de uma escola pública em Belo Horizonte (MG), na faixa etária de 15 a 18 anos. Cada turma foi contemplada com três encontros, com duração média de 50 minutos cada. Alguns temas como Fisiologia do Sistema Nervoso Central, mecanismos de ação das principais drogas e consequência social do uso

Abstract

The use and abuse of drugs in Brazil nowadays is a social and public health problem. This article aims to present the actions of health education for the prevention of drug use and abuse developed by the extension program "PAES - Program of Educational Actions in Health". This is a descriptive and observational study. A total of 326 students, aged 15 to 18, enrolled in 13 classes from a public school in Belo Horizonte (MG). For each class, there were three meetings, each with an average length of 50 minutes. Some topics such as, Central Nervous System physiology, mechanisms of action of the main drugs and social consequences of drug use were explored. Media, anatomical models, discussion groups and notes in the field journal were em-

da droga foram explorados. Fez-se uso de mídia, modelos anatômicas, grupos de discussões e anotações no diário de campo. Durante as intervenções a equipe pode perceber que os estudantes têm conhecimentos superficiais sobre o assunto. Em geral eles sabem que o uso da droga pode trazer danos à saúde e consequências sociais, mas não compreendem bem o mecanismo de ação da droga no corpo humano. Por isso há necessidade de novas propostas e práticas educativas, para que quando bem aplicadas, elas possam vir a contribuir para a prevenção do uso e abuso de drogas em escolares.

ployed. During the interventions the staff realized that the students have superficial knowledge on the subject. In general, they know that drug use can cause health issues and social consequences, but they do not fully understand the mechanism of action of drugs in the human body. Therefore, there is a need for new proposals and educational practices that, when properly applied, may contribute to the prevention of drug use and abuse in schoolchildren.

Palavras- chave: Adolescentes. Drogas. Escola. Prevenção.

Keywords: Adolescents. Drugs. School. Prevention.

Área Temática: Saúde

Linha Temática: Educação

Introdução

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), como descrito por Carline et.al¹, droga corresponde a qualquer entidade química ou mistura de entidades que podem alterar a função biológica e, possivelmente, sua estrutura. O uso e abuso de drogas, em especial das ilícitas, é uma realidade social que atinge um número significativo da população brasileira. Segundo o Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, (LENAD) realizado no ano de 2012, a substância ilícita com maior prevalência de uso na população brasileira é a maconha. Do total da população adulta, 5,8% declarou já ter usado a substância alguma vez na vida – ou seja, 7,8 milhões de brasileiros adultos já usaram maconha pelo menos uma vez na vida. Entre os adolescentes esse número é de 597 mil indivíduos (4,3%) dentre quase 14 milhões de adolescentes brasileiros².

A dependência de drogas tem preocupado várias instituições de saúde sendo considerada pela OMS uma doença crônica; portanto, cuidados específicos são necessários. Segundo esta mesma agência, o consumo de drogas lícitas e ilícitas deve ser encarado de forma conjunta³. Além disso, esta questão não deve ser tratada como um problema criminal, mas sim de saúde pública, focado na prevenção, no tratamento, na reabilitação social e na integração⁴. Sabe-se também que o fenômeno do uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas influencia questões externas como a violência, crimes, mortes,

problemas familiares entre outros envolvimento políticos e sociais⁵.

O reconhecimento e a atenção destinada a este problema ainda é recente, sendo considerado hoje um alerta à saúde pública⁶. Somente em 2003 foi lançada, no Brasil, pelo Ministério da Saúde, a "Política para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas"⁶. Neste programa tem-se o objetivo de desenvolver uma política de prevenção, tratamento e educação voltada para usuários de álcool e outras drogas, na tentativa de buscar soluções para um grave problema de saúde pública⁷.

Bucher⁸ já afirmava, nos anos 90, que os adolescentes são considerados um grupo de maior risco neste campo, pois estão vulneráveis ao meio que os envolvem e às mudanças sociais radicais. Relvas et al.⁹ descrevem que algumas motivações para o uso de drogas podem discorrer sobre quatro fatores: (1) o grupo - o adolescente sente a necessidade de participar do ciclo social no qual os membros irão ditar a moda e o que é necessário fazer para se integrar a este; (2) o prazer - o adolescente busca experiências de extremo prazer, querendo alcançar novas sensações no mundo das drogas; (3) o jogo com a morte - o adolescente quer testar sua autonomia e sua liberdade tentando afirmar o seu eu, ignorando as consequências a longo e curto prazo; (4) a transgressão - o adolescente gosta de transgredir as normas e confrontar a autoridade dos pais e, quanto mais a droga é reprimida pela sociedade, mais tentador será para ele.

De acordo como II- LENAD², entre os adolescentes que já experimentaram algum tipo de droga, 17% tiveram acesso às drogas na escola. Uma vez que o adolescente permanece no ambiente escolar por longo tempo e, conseqüentemente é onde tem convívio com a maior parte do seu ciclo social, acredita-se que exista uma maior interferência na construção de seus valores neste ambiente, inclusive no âmbito de promoção à saúde⁶.

A escola também tem o papel de exercer uma função de preparo moral em conjunto com a formação ética. No entanto, os próprios profissionais afirmam não estar preparados tecnicamente e emocionalmente para abordar assuntos que envolvam valores sociais¹⁰. Em pesquisa realizada com docentes do ensino fundamental e médio, na cidade de São Paulo, observou-se também que os professores afirmavam não estar preparados para trabalhar o tema de drogas com os alunos. A lei brasileira nº11.343, de 23 de agosto de 2006¹² estabelece que os professores devam possuir conhecimentos referentes a substâncias psicoativas para subsidiar a formação dos estudantes. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os professores devem diversificar a forma do processo de ensino, favorecendo o envolvimento e a aprendizagem dos alunos¹¹. Assim, apesar dos educadores admitirem que a escola seja um lugar apropriado para abordar o tema, eles ainda transferem a educação sobre drogas para pais e profissionais da saúde¹³.

Pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola hoje deve fomentar a educação e a promoção em saúde, com a participação de profissionais da saúde e educadores, unindo assim os saberes para tornar o ambiente escolar um veículo de transmissão de conhecimentos que corroboram para o crescimento saudável do estudante, tornando-o apto a ter decisões saudáveis¹⁴.

Neste contexto, surgiu o "Programa de Ações Educativas em Saúde" (PAES), que desde 2013, em parcerias com escolas de ensino básico de Belo Horizonte/MG e região metropolitana, vem desenvolvendo ações educativas para a promoção da saúde. As ações são realizadas conforme demanda das escolas parceiras e, neste estudo, a equipe atendeu a demanda de uma delas que se referia ao tema "Uso e abuso de drogas".

O PAES, formado por docentes e acadêmicos de cursos da área da saúde da Uni-

versidade Federal de Minas Gerais-(UFMG), acredita que a universidade pode desempenhar um papel importante para a conscientização da comunidade escolar por meio de reflexões de suas atitudes e troca de experiências. Essas ações também proporcionam uma integração entre comunidade e universidade, contribuindo para a formação de futuros profissionais da saúde e cidadãos críticos, autônomos e criativos em espaços de ensino mais modernos¹⁵. As ações extensionistas do PAES apresentadas neste estudo tiveram como objetivos contribuir para o desenvolvimento e aplicação de intervenções de popularização da ciência para a prevenção do uso e abuso de drogas no âmbito do ensino médio.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e observacional, a partir da execução de ações com alunos do ensino médio de uma escola pública da rede estadual do município de Belo Horizonte (MG), no período de fevereiro a maio de 2015. O tema a ser trabalhado, uso e abuso de drogas, bem como o público a ser atendido, alunos matriculados no ensino médio, foram definidos pela direção da escola parceira. Nesse trabalho, buscou-se observar e identificar os comportamentos dos alunos ao participarem das atividades que foram propostas.

A equipe preparou-se para explorar o assunto, considerado delicado e de grande relevância. Para isso houve uma profunda busca sobre o tema e a equipe pode constatar que para o sucesso das intervenções, seria interessante não trabalhar com a punição, o medo, o errado¹⁷. Ao invés disso, a equipe optou por adotar uma abordagem com um diálogo horizontal entre os estudantes, contado com o apoio de uma psicóloga.

A metodologia para o desenvolvimento e aplicação das intervenções se deu em duas etapas. A primeira, na qual foram realizadas as seguintes ações: levantamento bibliográfico, objetivando aprofundar os conhecimentos sobre o tema, principalmente por meio de artigos científicos; reuniões da equipe para o planejamento das ações no campo de estudo e apresentação da proposta do projeto para a coordenadora da escola parceira. A segunda etapa consistiu em uma reunião com os professores do turno matutino da escola para conhecermos melhor o ambiente escolar, a realidade sociocultural dos alunos atendidos, esclarecer os objetivos do projeto e adequar a metodologia conforme opinião também da comunidade escolar.

Após a apresentação e discussão da proposta com a direção e professores, definiu-se a amostra do estudo: todos os alunos matriculados nas 13 turmas matutinas do ensino médio, sendo cinco turmas do 1º ano, quatro turmas do 2º ano e quatro turmas do 3º ano, durante a disciplina de Biologia. A escola enviou cartas aos responsáveis dos alunos esclarecendo sobre o projeto, se disponibilizando a esclarecer as dúvidas dos familiares e solicitando assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para as intervenções.

Foi criado um Diário de Campo para que pudessem ser lembradas observações importantes para a discussão descritiva do estudo, onde a equipe fez anotações sobre comportamentos e comentários dos alunos durante as intervenções na escola. Como recursos didático-pedagógicos foram utilizados modelos anatômicos, multimídia, ima-

gens, textos científicos e vídeos. Houve ainda um espaço para perguntas e discussão e as ações foram realizadas, levando-se sempre em consideração a adaptação no vocabulário para melhor compreensão por parte do público-alvo.

As intervenções foram programadas de forma interativa, de forma que os alunos tinham a liberdade de conduzirem discussões. Como já abordado por Tobler¹⁸, alunos que têm a participação ativa nas intervenções se tornam "agentes multiplicadores" e os resultados se tornam melhores. Além disso, a intervenção seguiu o modelo de "promoção em saúde", para que o indivíduo pudesse sentir a responsabilidade de suas escolhas, por meio de reflexões sobre o que é uma vida saudável dentro de um amplo contexto, como social, cultural e físico, tornando o momento das intervenções um espaço de inclusão social.

As ações educativas foram feitas separadamente nas turmas, para que os graduandos não perdessem o contato próximo aos alunos. Foram realizados três encontros, com duração média de 50 minutos cada, durante aulas da disciplina de ciências biológicas a saber:

Primeiro encontro: O primeiro momento foi destinado à apresentação da equipe, do projeto, e em seguida, após este momento de interação entre equipe e escolares, discorreu a intervenção sobre o funcionamento normal do Sistema Nervoso Central (SNC), com foco nos neurônios e sinapse química, abordando a fisiologia deste sistema com maior enfoque nos neurotransmissores e receptores. A equipe fez uso de uma linguagem acessível aos alunos, usando ilustrações e vídeos didáticos para facilitar a compreensão da anatomia e função do SNC, uma vez que o tema ainda não havia sido abordado de forma aprofundada em sala pela professora de biologia.

Nessa primeira intervenção, a equipe teve o objetivo de transmitir os conteúdos tradicionais associados ao tema. Além de provocar o deslumbramento dos estudantes a respeito da complexidade da existência humana, abrindo seus olhares sobre como o corpo humano funciona em perfeita ordem, naturalmente.

Segundo encontro: Inicialmente, foram resgatados pontos importantes discutidos no primeiro momento. Com a ajuda dos alunos foi-se relembando da anatomia e fisiologia do SNC, principalmente sobre as ações dos neurotransmissores. O segundo momento foi relacionado aos mecanismos de ação e efeitos de algumas drogas (álcool, tabaco, maconha, ecstasy, heroína e cocaína) no SNC e suas consequências em todo o corpo humano. Houve um enfoque maior no álcool, cigarro e maconha, por serem as drogas mais utilizadas no meio dos jovens²⁰.

A ideia de discutir sobre os efeitos a longo e curto prazo das drogas não teve como objetivo amedrontar os estudantes. Este momento foi importante para divulgar os conhecimentos científicos para uma tomada de decisão crítica sobre o uso de drogas, avaliando os benefícios e malefícios sobre sua própria saúde. A equipe trabalhou também para deixar claro que não se deve usar drogas apenas pela sua ilegalidade. Até porque, para o adolescente, o proibido ou o perigoso pode se apresentar como um experimento interessante⁹. Portanto, o objetivo foi evidenciar a gama de consequências sociais, psicológicas e principalmente fisiológicas com o uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas.

Em seguida, foi realizada uma abordagem sobre a contribuição da genética na questão da dependência de drogas. A conclusão da análise conjunta dos estudos epidemiológicos e moleculares demonstrou que é notável a contribuição dos fatores hereditários na gênese do abuso ou dependência de drogas^{21,22}. A equipe mostrou que a genética

pode influenciar na dependência química, juntamente com um ambiente favorável para a expressão deste fenótipo.

É interessante mostrar aos alunos como a dependência de drogas não está envolvida somente com a escolha de usar ou não a droga, mas sim que há uma relação de vários fatores internos e externos que podem influenciar na drogadição. Neste ponto, a equipe também tomou muito cuidado para que não fosse criado um estereótipo a respeito de pais dependentes químicos. Esse cuidado se tornou necessário para ficar esclarecido que crianças cujos pais são dependentes não estariam sujeitos a se tornarem dependentes químicos, necessariamente. Na verdade, na abordagem a respeito da influência genética, procurou-se mostrar aos alunos que há vários fatores associados à drogadição, exigindo deles atenção aos fatores internos e externos, uma vez que estudos científicos ainda não apontam a genética como um fator determinante.

É sabido que na adolescência, a plasticidade neural torna-se mais suscetível às alterações permanentes quando se faz o uso de drogas, podendo causar assim a dependência química²³. Tendo esse conhecimento científico fundamentando, a nossa abordagem foi destinada, neste momento, para falar a respeito do Sistema de Recompensa. Foi enfatizado que este Sistema é ativado naturalmente com práticas saudáveis e prazerosas, assim não sendo necessário arriscar uma alteração neural em busca de prazeres por meio de drogas. Cabe a cada indivíduo buscar e se descobrir, com responsabilidade, seja no esporte, na culinária, na música, na dança ou em outras atividades sadias que dão prazer. A droga realmente é prazerosa, ativa o sistema de recompensa com maior potencial, porém em longo prazo, este prazer pode vir a se tornar uma prisão. O prazer em ser livre, algumas vezes, só é valorizado quando já não possuímos a liberdade.

Terceiro encontro: O terceiro e último momento foi destinado à discussão em grupo, com esclarecimentos de dúvidas dos alunos. A equipe incentivou o debate e geração de perguntas. O cuidado da equipe foi o de não rejeitar a fala dos escolares, ouvindo atentamente, promovendo o diálogo entre os participantes sem ter como objetivo o julgamento de valores, entre o certo e o errado.

Foi proposta também uma discussão a respeito do consumo de drogas lícitas e ilícitas, a influência do uso de drogas nas relações familiares, na criminalidade, na violência, na morte, dentre outros problemas sociais e políticos que se enfrentam por causa da venda e uso de drogas. Uma das perguntas realizadas foi: "Será que ser usuário, frequente ou não, de drogas legais ou proibidas, influencia diretamente nessas questões?". A pergunta provocativa procurou motivar a reflexão do papel social dos alunos como cidadãos que desejam contribuir para o desenvolvimento do país. O foco da discussão teve o intuito de contribuir com a formação crítica e reflexiva sobre o assunto, incentivando-os a tomarem decisões com o uso do conhecimento adquirido e o conceito elaborado por eles mesmo, a respeito do uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas.

Resultados e discussão

Participaram das ações educativas 326 alunos do ensino médio, sendo 311 na faixa etária de 15 a 17 anos e 15 alunos com 18 anos de idade. Cada turma, total de 13 turmas, foi contemplada com três intervenções resultando 39 intervenções com tempo

médio de 50 minutos cada. A escola atendida situa-se próxima à UFMG, em um bairro de classe média e seu Ideb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - 2015 é 6,9¹⁶.

A apresentação do projeto, da parceria da escola com a universidade, bem como dos graduandos integrantes da equipe foi muito interessante. Pois foi possível perceber que os estudantes se sentiram à vontade com os alunos de graduação, percebendo que a equipe estava lá para a troca de conhecimento, abertos para ouvi-los, respeitando a individualidade de cada ouvinte, sem recriminar opiniões. Como afirmado por Amado¹⁹, não basta somente os orientadores terem aporte de conhecimento científico e técnico para transmitirem aos alunos; é muito importante também a afetividade e o relacionamento horizontal entre escolares e orientadores. Assim, os alunos não se sentiriam repudiados ou constrangidos em conversar sobre o tema que, muitas vezes, é considerado tabu na escola, na família e pela sociedade.

Todo o conteúdo previsto para a primeira intervenção, funcionamento do SNC, com enfoque nos neurotransmissores e receptores, foi apresentado de forma atrativa com o objetivo de estimular a reflexão e discussão sobre o tema. O manuseio de modelos anatômicos foi fundamental para a compreensão das funções dos órgãos e da fisiologia do SNC, proporcionando aos alunos um contato mais próximo com o que é real, mostrando como o corpo humano tem um funcionamento organizado, controlado, quase que mágico para quem não conhece sua composição e fisiologia. A equipe percebeu que a utilização de modelos e vídeos proporcionou um maior interesse e levou os jovens à reflexão sobre a importância do SNC na coordenação de todas as funções do organismo e de quão relevante é o equilíbrio da liberação dos neurotransmissores para a saúde humana. O uso de recursos didático- pedagógicos proporciona ao aluno uma motivação no processo de aprendizagem, como já dito por Castoldi e Polinarski²⁴.

Em todas as turmas, a equipe pode perceber, que os estudantes têm conhecimentos gerais sobre o assunto. Eles compreendem que o uso da droga pode trazer danos à saúde e consequências sociais, entretanto havia muitas dúvidas sobre o mecanismo de ação das drogas no corpo humano e como o uso pode influenciar a harmonia fisiológica. Passar do abstrato para o concreto, por meio de uma exposição com modelos e imagens didáticas sobre o funcionamento do SNC e o mecanismo das drogas, fez com que os adolescentes deixassem de ver os danos da droga como algo distante e complicado. A abordagem científica com cunho pedagógico permitiu provocar uma reflexão sobre a saúde, o bem- estar físico, vindo a valorizar o cuidado com o corpo humano. Os adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer o funcionamento do próprio corpo, entender a função dos neurotransmissores e as ações das drogas no organismo e no meio social.

Quando abordamos sobre drogas lícitas mais utilizadas como álcool e cigarro, vários alunos relataram que pais ou parentes próximos são usuários. Neste momento, surgiram perguntas como: "Eu morando na casa de uma pessoa que fuma, eu também sou prejudicado(a) com a fumaça do cigarro?", "Qual a quantidade de cigarros fumados por dia é prejudicial à saúde?". As perguntas foram esclarecidas e pôde-se perceber a preocupação com a saúde dos familiares que fazem uso do cigarro.

Quando a equipe abordou especificamente sobre o álcool, muitos estudantes fizeram comentários de deboche um do outro, se referindo ao uso exagerado do álcool como algo engraçado e legal, lembrando fatos já ocorridos entre eles em festas. De fato, mesmo que a lei brasileira, nº 9.294/*25/*/* defina como proibida a venda de

bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, o consumo de álcool é muito comum em festividades, ambiente público ou mesmo em ambiente domiciliar, o que evidencia o álcool como uma droga de fácil acesso. A mídia tende a veicular o consumo do álcool associando à beleza, sexo, riqueza e sucesso profissional, mesmo que essa atitude não seja aquela esperada e valorizada pelas famílias. Estando os jovens em construção da sua própria identidade tornam-se facilmente influenciados por estes fatores veiculados na mídia falsamente como positivos e desejáveis²⁶.

Ao discorrer sobre as drogas ilícitas mais usadas como a maconha, cocaína e ecstasy, os estudantes também fizeram brincadeiras e comentários engraçados de forma muito espontânea. Esta reação é preocupante uma vez que o consumo dessas drogas por adolescentes traz consequências em grande amplitude, para a sociedade de um modo geral, para a sua família e para o próprio indivíduo²⁷. Vale ressaltar que a escola atendida está localizada em um bairro de classe média onde os dados obtidos pelo IDEB (2013) mostram que os indicadores de aprendizado (Prova Brasil) e fluxo (aprovação) dessa escola estão com uma boa colocação¹⁶.

Estudo realizado por Solderaet al.²⁸, mostrou que o uso e abuso de drogas não está associado a questões sociais econômicas desfavoráveis, mas sim ao maior poder de compra. A pesquisa evidenciou também que a probabilidade do estudante de níveis socioeconômicos A e B de escola pública fazer uso de drogas foi de 2,0 vezes maior que daqueles dos níveis D e E. Este estudo reforça a importância da realização de ações educativas para a prevenção do uso e abuso de drogas também em escolas com alunos de nível sócio econômico maior.

No entanto, alguns grupos de alunos presentes em todas as turmas (cerca de 5 alunos por turma) comportaram-se de forma diferente dos demais. Destacaram-se por não participarem das brincadeiras, manifestando-se por meio de perguntas, demonstrando curiosidade e preocupação a respeito do tema. A respeito da maconha surgiram perguntas como: "A maconha vicia?", "A maconha faz mal para a saúde?". Assim como as demais dúvidas, estas também foram esclarecidas.

O indivíduo aprende a se comportar ao observar o comportamento de seus pares²⁹. Na pesquisa realizada por Cardoso e Malbergier³⁰ foi relatado que quando os adolescentes têm amigos que usam regularmente alguma droga, as chances de virem a usar droga ilícita são de 8,6 vezes maiores se comparadas com aqueles que não têm amigos que fazem uso de drogas. São vários os fatores existentes para que o adolescente se envolva com as drogas. Ele pode estar relacionado apenas com um fator ou múltiplos, o que torna complexa a avaliação da predisposição do jovem decidir usar ou não a droga. Schenker e Minayo³¹ descrevem esta etapa da vida como uma fase de risco que está relacionada a seis domínios: o individual, o familiar, o escolar, o midiático, os amigos e a comunidade em convivência. Quanto mais os adolescentes estiverem envolvidos com os fatores de risco, maiores as chances de eles apresentarem um padrão mais grave de consumo.

Estudos têm evidenciado que a presença de fatores hereditários também tem correlação com a gênese do abuso ou dependência de drogas^{21;32}. Este dado é importante para a compreensão sobre o efeito "individualizado" da droga e a dificuldade de recuperação de alguns indivíduos. Porém, esta informação não teve intuito de marginalizar adolescente que tem pais usuários de drogas, mas mostrar que a dependência está relacionada a vários fatores individuais, fisiológicos, psíquicos, ambientais e também

hereditários. Mas este não confere um traço determinante na vida do adolescente, que depende mais das escolhas e da influência social.

Sem dúvida, o tema não é fácil de ser abordado, principalmente com adolescentes. É preciso muito cuidado, compromisso pessoal, além de profissionais qualificados. Bucher⁸ discute a importância de se fornecer informação correta sobre drogas. A instrução clara subsidia a reflexão crítica acerca do tema, possibilitando um diálogo aberto e confiável entre os sujeitos. O projeto teve como base o envolvimento da comunidade escolar, juntamente com a motivação dos componentes do PAES em ambiente de confiança e respeito mútuo. A equipe entendeu que esta relação de respeito e confiança entre o educando (alunos adolescentes) e educador (jovens universitários) facilitou a troca de conhecimentos sobre um tema de tão difícil abordagem. As nossas observações vão ao encontro das conclusões de Oliveira³³ quando afirma que o "ambiente facilita o aumento da construção crítica devido ao seu potencial para promover a troca de ideias entre os sujeitos". Além disso, as interações sociais e discursivas fazem parte da construção de significados³⁴.

Bucher⁸, nos anos 90, já defendia que os programas de prevenção deveriam ser orientados dentro de princípios da valorização da vida, muito mais do que exercitar olhares repressivos⁸. Torres e Enders³⁵ completam quando afirmam que a prevenção de doenças deve ser alcançada por meio da conscientização dos indivíduos para que esses adotem modos de vida saudáveis ou comportamentos considerados compatíveis com a saúde.

Desta forma, as estratégias educativas para a prevenção do uso e abuso de drogas desenvolvidas pelo PAES tiveram como base a interação entre o ensino superior e ensino médio para a realização de ações de popularização da ciência sobre o tema, explorando a divulgação de estudos sobre os mecanismos de ação das drogas, influência dos fatores genéticos, a reflexão de hábitos e de valorização da vida. É importante que a universidade compartilhe o conhecimento científico com as pessoas do mundo não acadêmico, uma vez que a comunidade em grande parte não tem acessibilidade às novas pesquisas, promovendo a divulgação científica e a construção de novos saberes³⁶.

Conclusão

As observações realizadas pela equipe, por meio dos relatos e comportamento dos alunos durante as intervenções servem de alerta para a comunidade escolar, sobre a importância e a carência de estratégias educativas sobre o tema. A equipe pode perceber que realmente o uso de drogas entre os adolescentes está cada vez mais precoce. Torna-se imperativo trabalhar a relação do uso de drogas e a influência na saúde, na política e na sociedade, pois os alunos apresentaram conhecimento sobre essa relação, porém a equipe percebeu que esse conhecimento era bem superficial. Desta forma, pode-se concluir que drogas e prevenção às drogas são temas carentes de atenção.

Promover a discussão de forma mais profunda é essencial para contribuir com a reflexão dos alunos a respeito destes temas. Além disso, os acadêmicos integrantes do PAES, cuja idade se aproxima dos alunos alvo do estudo, perceberam que a participação deles conferiu à proposta de prevenção ao uso e abuso de drogas maior proximidade com a realidade vivenciada pelos alunos do ensino médio. O método utilizado pela equi-

pe contemplou uma relação mais igualitária, um reconhecendo o valor do outro por meio de um diálogo pedagógico.

As ações realizadas neste projeto, de parceria entre escola e universidade, propiciaram novas possibilidades de contato que contribuíram sobremaneira na formação de todos os envolvidos nas intervenções. A equipe acredita que os alunos e os acadêmicos serão novos agentes multiplicadores de valores humanos para a prevenção do uso e abuso de drogas, na escola, na universidade na família e na comunidade da qual pertencem. Como perspectiva para o projeto, a equipe acredita que em futuras intervenções seja importante criar uma estratégia familiar para completar as ações do projeto, da universidade para a escola e da escola para as famílias. Sabe-se que a participação familiar também é muito importante quando se trata de desenvolvimento humano, aqui especificamente a prevenção e promoção à saúde³⁷. Inicialmente a equipe percebeu alguma restrição por parte das famílias em participar efetivamente do projeto. Muitos professores relataram que a maioria dos pais não participa ativamente da vida escolar dos alunos, o que levou a equipe a mudar de estratégia em relação a essa abordagem, considerando os relatos da escola, afirmando que seria uma tarefa difícil reuni-los ou garantir que eles tenham consideração aos bilhetes ou cartilhas abordando o tema. Novas estratégias serão objeto de estudo para motivar a participação dos familiares no projeto.

Concluiu-se também que a busca de estreitamento das relações entre a universidade e a escola de educação básica deve ser otimizada e incentivada pelos dirigentes das instituições de ensino e governantes. Desta forma e cada vez mais, a troca de conhecimentos e ideias entre a comunidade acadêmica e a comunidade escolar, possa vir a contribuir para a promoção de novas perspectivas e abordagens para projetos de educação. Nesse contexto, a reflexão compartilhada poderá gerar mudanças de atitudes em relação à promoção da saúde, em especial no uso e abuso de drogas, e consequentemente, contribuir para a sua prevenção e a busca do tratamento.

Referências

1. CARLINE E.A, NAPPO S.A, GALDURÓZ J.C.F, NOTO A.R. Drogas psicotrópicas - como são e como agem. Revista IMESC,(3): 9-35, 2001.
2. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD). II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) - 2012. São Paulo: UNIFESP; 2014.
- 3.OMS - Organização Mundial da Saúde. Neurociência de consumo e dependência a substâncias psicoativas - resumo. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 2004.
4. UNODC - United Nations of office on drugs and crime. World Drug Report 2014. New York: United Nations; 2014.
5. SOUZA J, KANTORSKI L.P. Embasamento político das concepções e práticas referentes às drogas no Brasil. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, 3(1), 2007.
6. ARALDI J.C, NJAINE K, OLIVEIRA M.C, GHIZONI A.C. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. Interface (Botucatu), 16(40): 135-146, 2012.
7. M.S. - Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids.

A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas/ Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde; 2003.

8. BUCHER R. Drogas e drogadição no Brasil. 1ª Edição. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

9. LOMBA L. Consumo de ecstasy em jovens de Coimbra. In: Relvas J, Lomba L, Mendes F. Novas drogas e ambientes recreativos. Loures: Lusociência, 61-168, 2006.

10. DURKHEIM E. Sociologia, Educação e Moral. 4ª Edição. São Paulo: Rés; 1984.

11. ILHA P.V, LIMA A.P.S, VISINTAINER D.S.R, WOLLMANN E.M, SOARES F.A.A. Promoção da saúde a partir da aprendizagem por projetos. Atos de Pesquisa em Educação Blumenau, 10(1):280-303, 2015.

12. Brasil. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção. Diário Oficial da União 2006; 24 ago.

13. FERREIRA T.C.D, SANCHEZ Z.M, RIBEIRO L.A, OLIVEIRA L.G, NAPPO S.P. Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. Interface (Botucatu), 14(34): 551-562, 2010.

14. GONÇALVES F.D, CATRIB A.M.F, VIEIRA N.F.C, VIEIRA L.J.E.S. Health promotion in primary school. Interface – Comunic. Saúde e Educ, 12(24): 81-92, 2008.

15. AMÁLIA V.M.S, FABIO H.B, FERNANDA S.V, JANICE H.S, FELIPE C.S.A, ANA C.L, AMÉLIA P.A, MARIA N.M. GEMTI-Grupo de estudantes que multiplicam e transformam ideias: A prática do ensino por meio da promoção da saúde em escola do município de Nova Lima , MG-Brasil. Sabios: Ver Saúde e Biol, 6(2): 43-49, 2011.

16. IDEB 2015por escolas – Belo Horizonte [acessado 2016 set 15]. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/cidade/1587-belo-horizonte/ideb/ideb-por-escolas>. Acesso em: 05 fev. 2016.

17. RIBEIRO J.P. Educação holística. In: Brandão, DMS, Crema R. Visão holística em psicologia e educação. São Paulo: Summus; 1991.

18. MOREIRA F.G, SILVEIRA D.X, ANDREOLI S.B. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, 11(3): 807-816, 2006.

19. AMADO J, FREIRE I, CARVALHO E, ANDRÉ M.J. O lugar da afetividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. Sísifo.Revista de Ciências da Educação, 08: 75-86, 2009.

20. TAVARES B.F, BÉRIAB J.U, LIMA M.S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. Revista de Saúde Pública,35(2):150-158, 2001.

21. MESSAS G.P. A participação da genética nas dependências químicas. Revista Brasileira de Psiquiatria,21(2): 35-42, 1999.

22. MESSAS G.P, FILHO H.P.V. O papel da genética na dependência do álcool. Revista Brasileira de Psiquiatria, 26(1): 54-58, 2004.

23. SOARES H.L.R, GONÇALVES H.C.B, JUNIOR J.W. Cérebro e o uso de drogas na infância e adolescência Fractal. Revista de Psicologia,22(3): 1-3, 2010.

24. CASTOLDI R, POLINARSKII C.A. I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia – PPGECT, 684-692, 2009.

- 25.** Brasil. Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996. Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas. Diário Oficial da União; 16 Jul. 1996.
- 26.** PECHANASKYA F, SZOBOTA C.M, SCIVOLETTOB S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. Revista Brasileira de Psiquiatria, 26(1): 14-17, 2004.
- 27.** FILHO A.J.A, SILVA R.C, FERREIRA M.A, SANTOS T.C.F, GOMES M.L.B. O adolescente e as drogas: consequências para a saúde. Esc Anna Nery RevEnferm, 11(4): 605-610, 2007.
- 28.** SOLDERA M, DALGALARRONDO P, FILHO H.R.C, SILVA C.A.M. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. Revista de Saúde Pública, 38(2): 277-83, 2004.
- 29.** WAGNER M.F, OLIVERIA M.S. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. Psicologia Clínica, 19(2): 101-116, 2014.
- 30.** CARDOSO L.R.D, MALBERGIER A. A influência dos amigos no consumo de drogas entre adolescente. Estudo de psicologia, 31(1): 65-73, 2014.
- 31.** SCHENKER M, MINAYO M.C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. Ciência e Saúde Coletiva, 10(3): 707-717, 2005.
- 32.** CHATKIN J.M. A influência da genética na dependência tabágica e o papel da farmacogenética no tratamento do tabagismo. Jornal Brasileiro de Pneumologia, 32(6) 573-579, 2006.
- 33.** OLIVEIRA D.L. A nova "saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação. Revista Latino-americana de Enfermagem, 13: 423- 431, 2005.
- 34.** MORTIMER E.F, SCOTT P.H. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. Investigações em Ensino de Ciências, 7(3): 283-306, 2002.
- 35.** TORRES G.V, ENDERS B.C. Atividades educativas na prevenção da AIDS em uma rede básica municipal de saúde: participação do enfermeiro. Revista Latino-americana Enfermagem, 7: 71-77, 1999.
- 36.** TRÓPIA G. Reflexões sobre o discurso na divulgação neurocientífica. Ciência & Ensino, 2008: 2(2): 1-9.
- 37.** DESSEN M.A, POLONIA A.C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Paidéia, 17(36): 21-32, 2007.